

Dias da Cruz



POEMAS

Cuiabá
Edições Igrejinha
1955

Para Manoel Franzen de Lima

*«... a poesia acima do mundo,
acima do tempo, acima da vida...»*

(Jorge de Lima—“Adeus, poesia”)

A VIAGEM DO POETA

Para os que desconhecem outros caminhos, o bailado é fuga. Destes colhe os passos. Dou-
tros mobiliza vontades e ânsias. Mas a vida,
assim como muitos a recebem—síncope de metal
— de dia e de noite, argamassa dor na sua
alma. E parte então em busca do abstrato. Lá
onde a ausência do que se faz, deixa a mostra
a nueza do que é, ... talvez lá esteja o procu-
rado. O caminho, é preciso descobrir. Ninguém
o sabe. Inútil perguntas. É ao longe, nas flo-
restas, nos desertos e nos mares, onde podem

ser encontrados cavalos verdes, cavalos azuis;
onde peixes guardam silêncio, ... lá está. Não
o mar que acreditamos. As águas conhecidas,
êle as viu apodrecidas de silêncio — Um mar
mole, um mar frágil, um mar remoto. Se a
necessidade de barcos e homens se faz sentir,
apanha-os em tempos remotos. Na história cris-
talizaram-se virtudes e defeitos, dos homens e
dos deuses. A escolha se torna fácil. Só os heróis!
Como a bailarina mendiga. Como aqueles que
fracos, procuram a fortaleza do muro para
junto a êle morrer. E o bosque foi saqueado.
Seu silêncio não está sujo de palavras vazias.
De volta da viagem seus sapatos estão moles
de tantas paisagens pisadas, da chuva que nin-
guém viu. E os olhos e os gestos estão soterra-
dos de vertigens. Ele é! Não mais razão para
pedra e cal. Se a chuva caindo não o atingir
verticalmente, será esgotada. O caminho foi
inventado.

J. Lobo.

POEMA I

A solidão pasta
distraída em mim

O olhar repassa
a fartura podre.

Sou ração para pedra e cal.

II

Da música gasta
em síncope de metal
escorrem gritos pesados.

BAILADO NA DOR

O bailado mobiliza
passos, vontades e ânsias.
Os pés gastam-se nos mosaicos
A sombra rodopiando toca em mim
Em toda face
minha voz é raiz instável
Quero afatigar-me
Mas que fazer
se permaneço com lábios voltados
[para a noite,
e se minha alma
é argamassada de acontecimentos
[amargos?

AFOGADO

Praias álgidas

Homens, barcos e peixes

violam as águas apodrecidas de
[silêncio.]

O medo dói

Pés, braços, cabeças e olhos jogados
[nas sombras.]

Areias e estrelas

Juntas dançam

A morte no corpo tombada

Chora.

TRANSPOSIÇÃO

I

Meus olhos,
leves como o vento,
frios como a noite,
navegam sôbre as ruas,
gares e portos de todo mundo,
enquanto outros adormecem
na parede limitada do espanto.

II

Sumamo-nos nos mares remotos,
onde as histórias das algas,
barcos, deuses e naufragos
adormecem no silêncio dos peixes.

X

III

Não forcemos as águas

O mar é frágil

Entre a perpetuidade da solidão

Navios, pássaros, homens

Invadem meu corpo:

Condição dos outros

OS EPISÓDIOS

I

Deuses desfiguram-se nas águas

Sombras antigas

modelam olhares submergidos

Tudo se nivela ao silêncio.

M

II

Florestas submarinas

abrem-se em pegadas desconhecidas

Adormecem nas praias mansas

naus, marinheiros e peixes remotos

O leito é mais velho do que o tempo.

X

III

É ao longe

(Cavalos brancos, verdes, azuis)

Correm contra todos os ventos,
florestas, desertos, mares

É dentro de mim que toda a fúria
[é recolhida.

IV

Os lábios murchos da noite escondem-se em mim.

Ídolos, navios, paisagens,
navegam sobre meus olhos
edificados de pedra, sal e cedros.

HERÓIS

I

Cega de gestos

a bailarina mendiga,

dança, sorri e morre

para que haja memória

em seu retrato pendurado no quarto

[do amante.]

II

A sombra que me rodeia
permanece no asfalto
(limite da dor)

No muro r^oto de fome
o corpo frágil de sono
jaz morto

COMPOSIÇÃO
SIMULTÂNEA

I

Chove. Ninguém o sabe.
Estou só. Abraço a chuva.

Lanço-me ao cais

Ah, como dói a queda.

É preciso calar-se

No tempo, no espaço, no mundo

É hora de sono.

RETORNO

I

Agora os sapatos
moles de paisagens
repousam na tarde.

II

O mar mole
distancia de meus olhos

Na orla da praia
leve, macio e azul
descanso
com o sono de todos os vãos.

III

Ninguém se apodera da turva hora
A estrêla-do-mar fere-me os passos
no olhar interrompido

Sob tantos caminhos
abro-me à sombra exilada dos bos-
[ques saqueados...

.....

Eis-me novamente próximo de todos ^{os}
[lábios
olhos e gestos soterrados de vertigens.

X

REFLEXÃO

Ainda que eu não chore o sabor das
[praias]

peixes e algas;

Ainda que eu não movimente os de-
[lírrios das sombras]

Ainda que eu não penetre nas rochas
[azuis]

—Quem supliciará meu sono renova-
[do nas asas da morte]

ELEGIA

Como mar que se pisa
na imagem, à beira-mar
gritando a cidade fuga
sem cessar;

Como nuvens que se erguem
ao céu, à paisagem redescoberta
Eu hei-de levantar-me só
da pedra orvalhada de sonhos

Hei-de assim, loucamente
salgar de espuma,
no mar, no tempo,
a canção líquida
à criança que dorme,
brinca, morre,
sem chorar.

NOVO CREDO

A chuva oblíqua não me afunda
esgoto-a em minha sede.

ÍNDICE

Poema I	1
Poema II	2
Bailado na dor	3
Afogado	4
Transposição	5
I	6
II	7
III	8
Os episódios	9
I	10
II	11
III	12
IV	13
Heróis	15
I	17
II	18
Composição simultânea	19
I	21
Retorno	23
I	25
II	26
III	27
Reflexão	29
Elegia	30
Novo Credo	31

Êste livro foi composto e impresso
nas oficinas próprias das "Escolas
Profissionais Salesianas", à Avenida
D. Aquino s/n. — CUIABÁ—Mato-Grosso.

